



Recebido em: 02/04/2015

Aceito em: 09/05/2015

### **SINCRETISMO: MIMETIZAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Dolores Puga<sup>1</sup>

Bruno Feitosa Henrique<sup>2</sup>

<http://lattes.cnpq.br/2952246750774176>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é o de abordar a ótica do preconceito racial sob os auspícios da perseguição aos cultos afro-brasileiros, tendo como recorte espacial a Cidade do Rio de Janeiro, demonstrando por meio de matérias jornalísticas que corroboram com o objeto de análise pretendido, sobretudo durante o período do Estado Novo, no qual tais ações mencionadas experimentaram um recrudescimento.

**Palavras-chave:** Preconceito, Cultos Afro-Brasileiros, Sincretismo, Resistência

**Abstract:** This article present the racial prejudice vision into influence of the persecution to the afro-brazilian prays in the city of Rio de Janeiro, looking for newspaper that reforce this fact, above all in the period of Estado Novo, that this behavior grew up strongly.

**Keys Work:** Preconceives, Afro-Brazilian Cults, Syncretism, Resistance.

---

<sup>11</sup> Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Coxim. Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UF RJ).

<sup>2</sup>Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Neste artigo, será abordada uma temática fundamental para a compreensão do contexto social em que os negros brasileiros da primeira metade do século XX vivenciaram. Tal problemática se refere ao sincretismo afro-católico<sup>3</sup>, o qual marcou, pelo viés religioso, permanências que se observam até os dias atuais, no tocante a celebrações e cerimônias em que se imbricam elementos tanto africanos quanto católicos.

Segundo Ferreti<sup>4</sup>, embora não se tenha estabelecido como consenso, todas as religiões se mostram sincréticas em sua conformação enquanto tais, pois são a representação de grandes sínteses, integrando elementos de diversas procedências, os quais vão se resignificar com vistas a formar um novo todo.

O sincretismo tem como possibilidade a sua análise enquanto apanágio do fenômeno religioso. Não se deseja com isso promover uma redução ou desmerecimento de qualquer religião. Ao contrário. É atestar que a prática religiosa, assim como demais elementos culturais, constitui-se em uma síntese integradora abarcando distintos conteúdos de distintas origens.

Ou seja, longe de ser um fenômeno depreciador ou negativo, o sincretismo surge como um encontro de diversos pontos de vista que convergem para um ponto em comum. No Brasil, o que é o escopo deste artigo, o sincretismo afro-católico se consolidou como um processo amortecedor de uma situação de conflito. Não em sentido bélico, propriamente dito, mas dentro de um panorama de conflito sócio-político e cultural.

O sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o “Novo Mundo”. Ainda no continente africano, nos contatos pacíficos ou hostis com povos vizinhos, era comum a prática de adotar divindades entre conquistados e conquistadores.

Desde a chegada dos contingentes escravos ao Brasil, as religiões afro-brasileiras, que aqui se configuraram, se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da Igreja Católica (PRANDI, 2004:225). O culto católico aos santos, de um catolicismo popular de cunho politeísta apresentou grande verossimilhança ao culto dos panteões africanos.

---

3 Sincretismo afro-católico refere-se a interpenetrações culturais e religiosas no âmbito do catolicismo com as práticas ritualísticas africanas. Para mais ver VALENTE, 1953.

4FERRETI, Sergio Ferreira. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo/São Luís: EDUSP/FAPEMA, 1995.

Na conformação das religiões afro no Brasil, pode-se observar um forte caráter tributário em relação ao catolicismo. Seja pela assimilação de ritos, bem como a situação de duplo culto, onde os praticantes do Candomblé, à guisa de exemplo, frequentam missas católicas também.

O que se observou foi uma grande imbricação entre os membros dos cultos católicos e afro-brasileiros. Não sob a perspectiva de assimilação da religião legitimada para a “marginal”, mas antes numa relação de troca, de dupla influência de uma para com a outra (CANCLINI, 2011). A Revista da Semana<sup>5</sup>, edição de 03 de maio de 1941, traz uma reportagem sobre a festa de São Jorge, no Rio de Janeiro, onde discorre sobre a grande popularidade deste santo.

Uma extensa fila formada pelo povo ia da igreja até quase o edifício da Prefeitura. Ali estavam pretos, brancos, mulatos, chineses, alemães, soldados, jardineiros, toda uma diversidade humana. O santo-soldado é popular em todo o Rio de Janeiro, **desde as altas camadas católicas, às espíritas e as da macumba, em que ele é celebrado sob o nome de Ogum**<sup>6</sup>.

Observa-se, com isso, a força do processo de sincretismo ocorrido no Brasil. Sob a égide da hagiologia católica, congregam-se espíritas e “macumbeiros”. A associação entre São Jorge e Ogum é tão intensa, que santo e orixá praticamente se fundem em um só. De acordo com o periódico, a popularidade da divindade Ogum/São Jorge é tão grande que se torna impossível definir qual seria o objeto de culto.

Observa-se, também, o lugar destinado aos cultos afro-brasileiros, denominados como macumba, em uma posição de inferioridade, abaixo das chamadas altas classes católicas e da vertente espírita. Nota-se uma tentativa de se estabelecer o lugar social<sup>7</sup> dos praticantes das religiões afro-brasileiras, abaixo de uma espécie de aristocracia católica e da classe média espírita. Essa tentativa de se consolidar uma divisão baseada na religião professada, refletia um pensamento acerca da estrutura social que se pretendia estabelecer, ou antes, corroborar com o panorama racial da época observada.

Nesse contexto de imbricação de adoração, outra divindade de extrema popularidade é Iemanjá, a qual mais comumente é sincretizada com Nossa Senhora

---

<sup>5</sup>Para o escopo deste trabalho utilizou-se como foco da pesquisa a cidade do Rio de Janeiro, por ser a Capital do país e o epicentro das práticas de repressão à religião afro-brasileira, sobretudo durante o período do Estado Novo de Vargas.

<sup>6</sup>Revista da semana, 03 de maio de 1941, p. 3, destaque nosso.

<sup>7</sup>O conceito de lugar social refere-se às posições de referência imputadas socialmente aos sujeitos e por estes assumidas, caracterizando-se assim como posição simbólica e não referência topográfica. Para mais, ver ZANELLA, Andréa Vieira, LESSA, Clarissa Terres, DA ROS, Sílvia Zanatta. Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais In Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, 15(1), pp. 211-218. UFSC.

dos Navegantes ou Nossa Senhora do Rosário, dependendo da região. Trata-se de uma entidade ecumênica, pois desde muito já congrega as mais variadas classes sociais, e também adeptos de outras religiões em seu culto.

Nas rampas da praia, nas dunas alvas, entre as relvas, coqueiros e cajueiros, a multidão em até a orla do mar para fazer suas oferendas à grande e soberana Iemanjá. Na crença dos homens de côr ela é a Rainha do Mar; no espírito dos homens brancos que tem palácios e carros de luxo ela é Janaína, ou Nossa Senhora do Rosário, produto de estranho e invencível sincretismo religioso que se formou na Bahia pela aculturação dos negros africanos nas senzalas do senhor branco<sup>8</sup>

Depreendem-se dois fatos de tal assertiva. Inicialmente percebe-se que embora se intente estabelecer uma divisão de camadas sociais por intermédio da diferenciação racial, pois, se para os homens de côr (sic) Iemanjá se apresenta como a Rainha dos Mares, por outro ela é para os homens brancos possuidores de palácios e carros de luxo, a divindade se apresenta como a católica e branca N. S. do Rosário, ou ainda Janaína (referência indígena). Ou seja, o lugar outorgado aos negros, ou homens de cor, já poderia ser identificado por esta passagem.

Posteriormente, a publicação acaba por se render ao ecumenismo da celebração afirmando que tal imbricação era produto de um estranho, porém invencível processo de associação. Em outras palavras, já não mais se podia separar o culto católico dos de outra vertente nesta cerimônia. Destarte disto, percebemos a necessidade de que se explane de uma forma mais pormenorizada as características deste processo associativo.

### **Sincretismo afro-católico ou católico-fetichista**

É antes de tudo limitado o consenso de que o sincretismo foi um processo simples de ocultação da cultura africana, representada pela sua fé, e neste se deu a transfiguração dos orixás em santos católicos única e exclusivamente pelo contato entre uma religião legitimada e outra proveniente de uma população submetida ao jugo colonizador. Esse processo de mimetização se revela, por outro lado, como uma resistência do ponto de vista cultural, pois sem a possibilidade de manutenção de seus aspectos culturais originais, esse subterfúgio transladou o culto africano e

O estabelecimento das religiões de culto afro no Brasil é fiel tributário do catolicismo e das idiosincrasias cristãs. O culto católico dos santos apresentou-se como uma formatação religiosa que se adaptava ao culto do panteão africano dos

---

<sup>8</sup>Revista da semana, 03 de maio de 1941, p.5

orixás. Entretanto, o culto a estas divindades africanas só adquire impulso e se desenvolve com chegada do africano ao cativo colonial.

Segundo Reginaldo Prandi<sup>9</sup>, isto se deu porque a ritualística da religião africana original era construída sob a base familiar, no culto aos antepassados sejam ligados por meio de laços de parentesco direto, ou por respeito a uma autoridade da tribo ou aldeia. Sob os auspícios da diáspora, esta estrutura de culto familiar veio a se perder. Na África, quem cuidava da ordem do grupo era o *egungum*, o ancestral do povoado (PRANDI, 1998).

Ao desarticularem-se as estruturas sociais tribais africanas, o lugar de primazia no culto deslocou-se dos antepassados, os quais passaram a ser cultuados marginalmente neste contexto, e passou para os orixás. Estas divindades têm como característica estarem ligadas a forças da natureza, executar uma função regente em relação à determinada atividade laboral, participaram de forma ativa na construção da identidade humana, enfim, toda uma relação de interação mais física com o homem. Assim estes convertem-se no novo cerne do culto africano.

Inicialmente, faz-se primordial ressaltar que o sincretismo não é um fenômeno estritamente localizado, tampouco recente. Segundo Nina Rodrigues<sup>10</sup>, o catolicismo já unira na sua hagiografia as lendas cristãs e os mitos pagãos no seu processo de expansão e consolidação enquanto prática religiosa. Assim, pode-se afastar o conceito de pureza do campo inter-relacional religioso entre o catolicismo e o fetichismo africano<sup>11</sup>.

É necessário, ainda que se compreenda que, para que houvesse essa imbricação, era necessário que este processo já estivesse no decurso mental do negro. De fato, este esquema mental se deu ainda no continente africano, prosseguiu durante a travessia e, por fim, no Brasil. Em outras palavras, o que aportou na Colônia não foi uma cultura africana pura, mas sim misturada entre suas congêneres.

É o que se depreende pela ótica de Arthur Ramos<sup>12</sup>, ao afirmar que as sobrevivências africanas não se mostram em estado de pureza. Aliás desde os primeiros tempos da escravidão, as culturas negras se apresentaram misturadas. Misturadas e deformadas pela influência da condição de escravo (RAMOS, 1940:158)

---

9PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: Sincretismo, branqueamento, africanização. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998.

10RODRIGUES, Nina. O animismo fetichista do negro na Bahia. Rio, 1939.

11Para mais, Cf BASTIDE, 1983.

12RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. 2ª ed., 1940

Os cultos africanos chegavam ao Brasil mais ou menos misturados, como, aliás, chegavam os demais traços culturais negros. Tal fato se deveu quer seja pela aproximação física, quer seja pela aglutinação de estoques culturais diversos na própria África (VALENTE, 1953:24).

Negros de várias procedências uniam-se pela nostalgia, pelo sofrimento comum, arrancados de forma brutal da sua terra, como se não fossem criaturas humanas. Irmanavam-se pelo mesmo sentimento de dúvida e de pavor, nas vicissitudes de uma migração forçada, ante o destino que os aguardava em local incerto e não sabido.

Em sua maioria, os contingentes étnicos trasladados para a Colônia, eram praticantes do fetichismo ou o culto dos fetiches<sup>13</sup>, isto é, atribuição de poderes mágicos ou sobrenaturais a objetos da natureza, podendo ser pedra, animal, planta, árvore, dentre outros, os quais o homem deificava e passava a adorar como coisa sagrada.

O entrelaçamento de culturas negras umas com as outras prosseguiu, sob o novo aspecto e ativado por um novo estímulo, no curso das acidentadas e demoradas viagens para a Colônia. Tal estímulo foi o cativo, com todos os seus efeitos desfiguradores.

Assim, condição primeira de contato intercultural, a escravidão vai atuar como um amálgama no sentido de, forçado o contato e sendo precedido de uma predisposição mental, fomentarem-se as práticas sincréticas. A situação colonial, ao promover contatos forçados entre tribos de diferentes etnias com diferentes arcabouços culturais e vivendo em um ambiente hostil possibilitou essa imiscuição.

Sob este prisma, é mister que se discorra sobre o padrão de permanências culturais negras no Brasil. Conforme anteriormente mencionado, diferentes foram as populações africanas trasladadas para a Colônia. Foram três grandes padrões de cultura negra estudados até a atualidade. São elas a Fanti-Ashanti, Fon e Iorubá<sup>14</sup>.

Segundo Valente, no Brasil, os padrões sobreviventes foram as culturas sudanesas, banto e guineano-sudanesas islamizadas. O padrão sudanês foi o mais influente e o que determinou maiores permanências. Do tronco cultural proveniente deste padrão, podem-se destacar os grupos nagô (Iorubá), jeje (Daomé) e mina (Fanti-Ashanti). Estes grupos apresentavam um aparelhamento cultural que estava

---

13 Fetichismo, segundo Valente (1953), refere-se a atribuição de valor sagrado à elementos da natureza.

14Para saber mais ver Valente, Waldemar. *O sincretismo afro-brasileiro*. São Paulo, 1953.

em nível de organização mais sistematizado, ou mais próximo de um esquema cristão de organização religiosa de organização que o dos bantos<sup>15</sup>.

Esta sistematização se refletiu de modo muito particular no tocante à difusão religiosa. Por isto, esta etnia se destacou, neste aspecto, em meio às demais populações negras no Brasil. Dentre seus grupos constituintes, tem-se uma proeminência dos grupos *nagô* e *jeje*. Sobre tudo no que tange à questão religiosa, estes agrupamentos quase se fundiram a ponto de Nina Rodrigues chamar de cultura *nagô-jeje*<sup>16</sup>.

Desta forma pode-se compreender, então, que os processos sincréticos se deram entre as próprias culturas africanas, em um primeiro momento, e que possibilitou uma sistematização de cabedais culturais distintos, operando no limiar mental da população negra uma abertura pela qual se processou mais familiarmente o sincretismo com os elementos do catolicismo.

O sincretismo é um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo status, ou seja, o esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à ideia que o indivíduo ou o grupo tem da função que desempenha dentro da sua cultura (BASTIDE, 1983:10).

Caracteriza-se fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contato. Simbiose que dá resultado numa fisionomia cultural nova (BASTIDE, 1983:11), na qual se associam e se combinam, em maior ou menor grau, as marcas características das culturas originais.

O fenômeno do sincretismo depende ou opera sob a égide de duas condições, a saber, uma exterior, de efeito alegórico ou superficial, e que atua apenas no campo das aparências. Já a outra condição é afeta às questões ligadas a modificações internas do campo mental.

Normalmente o que se observou no decorrer de processos sincréticos, foi, inicialmente, uma fase de ajustamento a novas condições ou ao novo sistema cultural. Entretanto, nesta fase, não se realiza uma alteração em nível de subconsciente. Em outras palavras, esta alteração se processa apenas

---

15O aparelhamento cultural dos negros sudaneses se mostrou superior, no sentido de adaptação à nova estrutura social, em relação ao dos bantos. Essa organização foi uma força poderosa que serviu de base para outras fusões. Fusão esta inicialmente entre os grupos *nagô* e *jeje* e, posteriormente, para outras. Cf (VALENTE, 1953).

16 Nina Rodrigues. Op. Cit. p.35

superficialmente e se pode percebê-la por intermédio de mudanças de vestimentas, ritualísticas, dentre outras.

Ao passo que em outro momento onde já se sedimentaram aspectos dos dois sistemas postos em contato, já se podem observar modificações comportamentais consolidadas, independente da vontade das comunidades. Tal como se fosse um aspecto cultural inato a esta nova comunidade que surge por meio desta interpenetração sociocultural.

Por este viés, e segundo Waldemar Valente<sup>17</sup>, o sincretismo abrange, no seu desenvolvimento como processo de interação cultural, e na sua função de prevenir, reduzir ou anular os conflitos, duas fases distintas de adequação ao sistema cultural distinto. Tais fases podem ser comparadas aos processos de acomodação e assimilação (VALENTE, 1953:12).

Durante a primeira fase do processo de estabelecimento do sincretismo procede-se a um trabalho de ajustamento de ordem quase ou mesmo exclusivamente exterior e que, em geral, se processa rapidamente. Dele não participam e nem se desvelam alterações de caráter interno ou psíquico (VALENTE, 1953:13). A mudança de traje, por exemplo, está neste caso. Entretanto, o indivíduo ou o grupo que se acomodou, em face de uma situação de conflito cultural, continua a manter ligação, de forma voluntária, com os valores de sua cultura original.

A segunda fase, ao contrário, implica uma modificação de sua experiência interior. Por um processo de interpenetração e fusão, os indivíduos e os grupos adquirem tradições, costumes, modos de vestuário, idioma, dentre outros aspectos, de outros grupos. Passam a partilhar de certa forma, as experiências e a história do grupo com o qual estava em contato. Ficam como que imersos numa mesma vida cultural, sendo este procedimento totalmente involuntário.

Dentro destas perspectivas pode-se inferir que no início da obra catequética entre os negros escravos no que geralmente lograram êxito os missionários cristãos foi um efeito superficial, exterior, acomodativo. Acomodação no sentido de se resolver superficialmente uma situação de conflito religioso e político. Tal contenda se mostrava mais evidente e acentuada em decorrência do poder coercitivo que exercia o sistema colonial escravocrata.

Assim puderam os negros se ajustar de forma consciente, o que é a característica do processo acomodativo, como também o é do ponto de vista cultural. Em outras palavras, trata-se apenas de uma mudança de forma em nível

---

17 Valente. Op Cit. p.12



exterior. Por trás das imagens católicas, ocultavam-se os deuses dos cultos fetichistas.

Por outra monta, cabe ressaltar o dinamismo do processo do sincretismo. Não se trata de um processo localizado nem tampouco recente. Segundo Nina Rodrigues, o próprio catolicismo já unira na sua hagiografia as lendas cristãs e os mitos pagãos (BASTIDE, 1983:160). Ou seja, trata-se de um fenômeno recorrente na história humana a partir do contato entre arcabouços culturais diferentes.

Voltando ao Brasil, não se observou neste mesmo fenômeno características que engendrassem rigidez ou restrição local. Em outros termos, não se apresentou como um processo rígido, tal qual uma lei geral, nem restrito a uma só região ou regiões estanques. Bastide conceitua-o como um fenômeno fluente e móvel apresentando assimilações diversas conforme a época ou até mesmo de acordo com o local.

Nesta ótica, Pierre Sanchis<sup>18</sup> postula tomando de empréstimo os preceitos metodológicos de Boas, que a mesma causa pode produzir efeitos diferentes, e causas diferentes podem produzir o mesmo efeito dependendo dos múltiplos fatores que presidem a mudança (SANCHIS, 1995:3).

A título de exemplificação, temos o caso de Xangô, deus do raio e do trovão segundo a mitologia africana<sup>19</sup>, que inicialmente foi sincretizado com Santa Bárbara, esta possuidora da mesma “função”. Usualmente tal orixá é sincretizado com São Jerônimo. Neste sentido, a lógica das questões sincréticas age pelo viés “funcional” em detrimento da diferença sexual das divindades.

Segundo Bastide<sup>20</sup>, o contrabalanço da identificação dos santos, por intermédio das funções, se dá por dois fatores: a própria hagiologia católica e depois o efeito de imitação. A guisa de exemplo tem-se o orixá que representa a varíola, Omolú, o qual, também segundo a mitologia africana<sup>21</sup>, por efeito da doença mencionada desenvolveu escaras pelo corpo, e que por isso utiliza uma veste de palha que lhe cobre todo o corpo, só poderia sincretizar-se com São Lázaro, portador de lepra, ou São Roque, o qual apresenta chagas pelo corpo. Desta forma, este esquema mental servirá de modelo para outros centros urbanos.

O sincretismo de cunho afro católico está inserido num sentido mais amplo, o qual se traduz pelos gestos e os ritos. Não se trata de uma fusão desmedida

---

18SANCHIS, Pierre: As tramas sincréticas da história. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.28, p.123-138, s/d.

19PRANDI, Reginaldo: *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Schwarcz, 2001.

20Bastide, Op. Cit. p. 161

21PRANDI, Reginaldo. Op. Cit. p.204

entre os deuses da África com os santos católicos. A questão é muito mais densa. Trata-se de uma participação dos cultos afro-brasileiros com a vida da Igreja Católica (BASTIDE, 1983:173).

Bastide apresenta uma ótica, a qual se aproxima do viés proposto por Canclini (2011), de hibridismo cultural, no qual se pode diferenciar dois casos distintos: a penetração do candomblé<sup>22</sup> no ritual católico e a penetração do catolicismo naquele. No primeiro caso cita o estabelecimento da cerimônia de lavagem da escadaria de Nosso Senhor do Bonfim. Esta cerimônia já existia em Portugal, tendo sido introduzida no Brasil por um português que combateu na Guerra do Paraguai, o qual prometeu que se voltasse ileso do conflito passaria a lavar as escadarias todos os anos.

Após ter seu desejo atendido, e ter-se posto em peregrinação para pagar a dívida, ia contando aos que encontravam o que iria fazer, e, com isso, foi se formando um grupo que se ampliava. Estabelecia-se, ali, uma tradição. Os negros que tinham o costume de lavar os objetos sacrificiais, com água sagrada, transformaram a lavagem numa festa sincrética católico-fetichista.

Tal festa se revestiu tanto do culto católico quanto do culto afro-brasileiro. Tornou-se quase impossível distinguir onde um começa e outro termina, tal é a força do sincretismo presente nesta cerimônia. Assim atesta a Revista da Semana, de 07 de março de 1942:

Corre o Brasil inteiro a fama do tradicional culto ao Senhor do Bonfim, da Bahia [...] Sob o aspecto tradicional e folclórico desta devoção, devemos considerar o colorido próprio que o **povo** já lhe deu através das formas de sincretismo religioso que as suas festas apresentam<sup>23</sup>

Reciprocamente o catolicismo penetra no candomblé. Penetra inicialmente, por intermédio dos altares dos barracões, ornados com panos brancos e com imagens de santos. Claramente uma referência aos altares católicos. Tem-se, ainda, a própria imbricação do catolicismo com os ritos e práticas do candomblé (BASTIDE, 1983:176), por exemplo como o ato de utilizar defumadores antes de proceder à liturgia da palavra.

Mas existe uma problemática, no que tange à formação do sincretismo, que se mostra como cerne desta relação dialética afro-católica. Como pode um orixá ser, simultaneamente, um santo católico também? E ainda, como podem se unir conjuntamente as místicas africana e católica?

---

<sup>22</sup>Tratar-se à do candomblé, pois, à época abordada neste trabalho a Umbanda ainda não se tinha constituído como um culto propriamente dito.

<sup>23</sup> Revista da Semana, 07 de março de 1942, p.4, destaque nosso.

Acerca desta questão, pode-se partir de duas interpretações distintas. A primeira remete à origem histórica do conceito. Já a segunda remete às atitudes subjetivas que lhe correspondem (BASTIDE, 1983:178).

A primeira interpretação apresenta um cunho sociológico. Chegando ao Brasil os negros eram catequizados de maneira vaga, sendo pelo menos batizados. No entanto nada compreendiam, num primeiro momento, da nova religião, a qual lhes era ensinada à força e se cristalizavam em seu cotidiano pela ação do regime de servidão. O santo não era a quem adoravam, mas sim o orixá correspondente. O cristianismo oferece apenas as palavras em português; afora tudo é fetichismo.

A segunda interpretação é guiada pelo viés psicanalítico. Nele o negro africano projeta o seu mundo, suas crenças por intermédio da visão de mundo do branco. Bastide analisa este viés quando afirma que

A escravidão desenvolveu no negro um complexo de inferioridade; a religião do branco faz parte de uma cultura superior de senhores. Projetando, por conseguinte, seus sentimentos religiosos de um orixá bárbaro a um santo católico, de um deus de escravo a uma divindade de senhores brancos, o negro elevava sua crença de um plano inferior a outro superior[...] (BASTIDE, 1983:177)

O sincretismo, segundo esta perspectiva, seria uma espécie de tentativa de ascensão desejado mais ou menos em surdina, um drama interno. Entretanto esta constatação se mostra limitada, pois inviabiliza a fase inicial do sincretismo que se caracteriza por uma acomodação dos costumes, a qual é totalmente voluntária. Logo, se se elegem as práticas subjetivas como a força motriz dos processos sincréticos, o que se verificaria seria a absorção do candomblé pelo catolicismo, o que definitivamente não ocorreu.

Catolicismo e candomblé desenvolveram uma solução de convivência mais pelos caracteres em comum do que por intermédio de conflitos. Coincidem, por exemplo, na afirmação comum de que cada ser humano tem o seu anjo da guarda, diferindo apenas pelo fato de que o católico tem o conhecimento deste fato e o africano sabe o nome de seu anjo.

Contudo, para ser possível foi necessário que o sincretismo encontrasse verossimilhanças no esquema mental do negro. Este se movia sob uma lógica que era marcada por analogias, por correspondências.

O sincretismo católico fetichista não apresenta nada de novo e de particular. É um sincretismo que se revela num panorama mais amplo. Neste, reinará o raciocínio por semelhança, não apresentando identidades, no sentido *stricto* da palavra, mas sim um sistema de equivalências funcionais que vão se diferenciar de uma região para outra (BASTIDE, 1983:184).

Por este raciocínio, verifica-se a justificação da junção entre santos católicos e orixás. Seguindo o efeito de analogia, observou-se que a hagiologia católica fornecia subsídios para a associação dos santos com o politeísmo do culto dos orixás. Este processo passa pela “função” do santo. Determinado santo atua sobre determinada área, logo o orixá que apresenta uma característica correspondente ou análoga, será sincretizado com aquele.

O efeito de correspondência também fornece a base para uma explicação do processo. Segundo Bastide (1982), antigamente só existiam os orixás e eles recebiam sacrifícios. Mas estes morrem assim como os homens, só que seus espíritos reencarnam depois da morte e, no decorrer da evolução<sup>24</sup>, eles se reencarnaram em homens do “ocidente”. Como se tratavam das mesmas poderosas divindades africanas, em que pese a diferença dos corpos físicos, o povo compreendeu que eles eram deuses e os reverenciaram como tais. Eram os doravante, santos católicos.

Por isto que se processou uma correspondência, pois, segundo este viés, o espírito do orixá e o do santo são um só. Em alguns casos, têm-se a ideia de que o nome do santo é a tradução em português do nome do orixá.

Assim vê-se que o sincretismo assume uma forma de um sistema de correspondências classificadoras. Em outras palavras, ao orixá que desempenha uma função específica, que rege uma seara da vida humana, lhe foi atribuído um santo católico correspondente. Todavia essa relação não se deu de forma pacífica. Em fins do séc XIX, surge na Europa um novo sistema de crença.

Esta nova prática tencionava congregar as questões espíritas sob a chancela do cientificismo europeu e de uma pretensa racionalidade. Sendo gestada no centro da produção intelectual, chega ao Brasil com um caráter oficioso, sendo consumido pela elite letrada nacional. Entre aproximações e afastamentos, tal prática, quando em contato com as religiões afro-brasileiras, vai promover uma reelaboração ritualística e gerar uma nova vertente o que se verá com o advento do Espiritismo Kardecista.

---

<sup>24</sup>Evolução aqui está apresentada claramente sob uma perspectiva espírita, a qual pressupõe tanto a reencarnação, quanto a evolução no sentido de se atingir a perfeição espiritual plena.

#### Referências Bibliográficas

- BASTIDE, Roger. *Estudos Afro Brasileiros*. Ed Perspectiva. 3ª Ed. São Paulo, 1983.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afrobrasileiras: Sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. 2ª ed., 1940
- SANCHIS, Pierre: As tramas sincréticas da história. *In Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.28, p.123-138, s/d.
- VALENTE, Waldemar. *O sincretismo afrobrasileiro*. São Paulo, 1953.

#### Fontes Históricas:

A sublime corte de Iemanjá. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07 de março de 1942. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909\\_04&PagFis=25963](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_04&PagFis=25963)> Acesso em 09/03/2013.

Salve São Jorge. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1941. Página 5. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909\\_04&PagFis=3600](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_04&PagFis=3600)  
Acesso em 06/03/2013.